Revista de Estudos Culturais

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: ESCALADA DO PAJUBÁ EM ESPAÇOS IMPENETRÁVEIS

LINGUISTIC VARIATION: THE RISE OF PAJUBÁ IN IMPENETRABLE SPACES

Por Docimar de Jesus Felisbino[1]
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-7230-5642
Eduardo Di Deus[2]
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9523-8844

Resumo

Este artigo apresenta pesquisa sobre as experiências vividas pela comunidade dissidente, especialmente suas formas de comunicação, com ênfase no uso do pajubá, linguagem carregada de identidade e cultura. A pesquisa qualitativa, realizada a partir de estudos teóricos, entrevistas e análises documentais, com base na observação participante, possibilitou uma análise sobre o uso e a expansão dessa variante linguística, por meio de entrevistas tanto de estudantes egressas quanto de professores trans-travestis. Isso permitiu visualizar como essa linguagem se difundiu em espaços antes impenetráveis e o quanto ainda precisa avançar em relação à adoção de métodos eficazes para o reconhecimento do pajubá em sua efetividade.

Palavras-chave: trans-travestis; pajubá; linguagem.

Abstract

This article presents research on the lived experiences of the dissident community, especially their forms of communication, with an emphasis on the use of Pajubá — a language rich in identity and culture. The qualitative research, based on theoretical studies, interviews, and document analysis through participant observation, enabled an analysis of the use and expansion of this linguistic variant through interviews with both former students and trans-travestis teachers. This allowed for a better understanding of how this language has spread into previously impenetrable spaces and how much still needs to be done regarding the adoption of effective methods for recognizing Pajubá in its full effectiveness.

Keywords: *trans-travestis; pajubá; language.*

1Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, Brasília/DF. E-mail: docimardjf@gmail.com
2 Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, Brasília/DF. Professor Adjunto da Universidade de Brasília. E-mail: eduardodideus@unb.br

Introdução

Esta pesquisa visa entender a movimentação e a expansão da variante linguística pajubá em espaços urbanos da sociedade contemporânea. Para tanto, serão analisadas as entrevistas realizadas com quatro pessoas, além de quatro dicionários que se dedicam ao pajubá. De acordo com Barroso (2017, p. 17), o termo "pajubá" foi adotado pela comunidade LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não binárias e outras identidades) para designar uma variedade linguística de origem africana, que remete ao conceito de enigma ou mistério. Andrade *et al*. (2018, p. 37) reforçam que essa linguagem possui "origem na cultura e nas línguas africanas, especialmente no iorubá".

Nesse contexto, as religiões de matriz africana sempre demonstraram maior receptividade às pessoas marginalizadas na sociedade, como travestis e mulheres transexuais. Assim, a participação desse público no candomblé e na umbanda desempenhou um papel crucial na formação de uma variante baseada no iorubá. O pajubá, também conhecido como bajubá, inicialmente despertou interesse para despistar militares envolvidos na ditadura militar brasileira durante a década de 1960. De acordo com Andrade *et al*. (2018, p. 39), uma das explicações para o parentesco do bajubá com algumas línguas africanas estaria na afinidade das travestis com o candomblé — religião de origem africana, muito receptiva a homossexuais — que teria sido, portanto, uma das fontes de vocabulário.

Este artigo discute como a variante tem se tornado popular e ocupado espaços antes aparentemente inacessíveis. Esse princípio do pajubá justifica-se especialmente pelas várias maneiras como a sociedade e a população trans têm se empenhado em tornar a variante mais conhecida. Nesse sentido, a criação dos dicionários pajubescos e o uso da linguagem na mídia foram marcos na divulgação da linguagem para as grandes massas sociais. Essa linguagem, famosa por sua natureza secreta, se espalhou, mas isso não significa que sua natureza original

tenha sido perdida; ao contrário, a linguagem continua viva e se reinventando em segredo diariamente. Nessa perspectiva, as palavras que foram difundidas são aquelas que já se tornaram de domínio público.

A presente investigação se firmou nas vivências de pessoas entrevistadas com base no contato delas com a variante linguística. Este artigo aborda a história de um grupo de pessoas trans-travestis, docentes e egressas da escola, que foram entrevistadas ao longo do final do primeiro e início do segundo semestre de 2023. Para isso, será realizado um breve resumo do histórico de cada participante, a fim de que possam ser identificados ao longo do texto.

Foram entrevistadas quatro pessoas trans-travestis egressas de escolas que residem em Valparaíso de Goiás, cidade goiana que fica no entorno sul do Distrito Federal. As egressas da escola entrevistadas foram: Camila Carvalho, Danielle Caldas, Emily Martinelly e Érika Ruffeil. Além das ex-estudantes, foi consultada uma professora e um professor, habitantes de diferentes regiões administrativas do Distrito Federal: professora Edu e professor Kaleb.

Camila reside em Valparaíso de Goiás e trabalha como cabeleireira e profissional do sexo. Há cerca de treze anos, ela mora sozinha em Valparaíso, embora tenha saído de casa ainda antes disso. A decisão de não morar mais com a família foi uma escolha pessoal, pois ela afirma que sempre recebeu apoio familiar e que sua saída não se deu por rejeição, mas, sim, para conquistar sua independência. Danielle experienciou uma realidade distinta de Camila, pois, desde muito cedo, teve de deixar sua casa na Bahia para auxiliar sua numerosa família, que dependia profundamente de seu suporte para a sobrevivência. Danielle foi obrigada a se mudar jovem para morar com outras pessoas, atuando como empregada doméstica. Com o passar do tempo, ela acabou se tornando profissional do sexo, atualmente dedica-se a essa área e está radicada em Valparaíso de Goiás, onde reside apenas com seu querido cachorrinho, Gael.

Emily, residente de Valparaíso, é considerada uma líder pelas travestis e mulheres trans da cidade. Ela é casada e vive em casa própria, onde acolhe travestis

e mulheres trans que muitas vezes se encontram em situações vulneráveis. Com mais de quarenta anos de idade, ela deixou sua casa no norte do país quando era muito jovem, pois precisava ajudar a família e não conseguia encontrar emprego em sua região, devido ao início de sua transição. Por esse motivo, ela começou a trabalhar como profissional do sexo. Assim como Emily, Érika, atualmente à beira dos cinquenta anos, saiu de casa e tem uma história de vida extremamente difícil. Foi expulsa de casa entre os dez e doze anos de idade, viveu nas ruas e foi obrigada a se prostituir desde cedo para sobreviver. Nessa época, morava no Norte do país, após três meses nas ruas, foi para São Paulo com uma amiga e, a partir daí, percorreu o país. Ela voltou a se conectar com os pais depois de muitos anos, mas, por ter sofrido tanto, não tem nenhuma vontade de retornar à sua cidade natal.

Ao ampliar a perspectiva pajubesca ante à ação docente, a professora Edu Silva, primeira interlocutora da pesquisa pertencente ao contexto educacional, perpassou por uma jornada de transformações, sempre, segundo ela, respeitando o seu próprio tempo. De acordo com ela, sua identidade como travesti tem sido construída gradualmente. Hodiernamente, ela exerce a função de coordenadora pedagógica. Além disso, complementa sua carga horária atuando como professora de língua estrangeira em um Centro Interescolar de Línguas da rede pública do Distrito Federal. Finalmente, o professor Kaleb Salgado foi o último a ser entrevistado, ele é um defensor fervoroso e tem um vasto conhecimento sobre as questões de gêneros dissidentes. Atualmente, o docente é efetivo na rede pública municipal de Luziânia, cidade goiana onde foi acolhido há alguns meses após ter sido aprovado em um concurso público.

O processo de entrevista e acompanhamento de cada participante foi essencial para esta pesquisa e a moldou. Sua estrutura foi baseada inteiramente na vivência de pessoas dissidentes de gênero e em suas particularidades dentro e fora do ambiente escolar. A disposição das pessoas entrevistadas e seu interesse em colaborar com a pesquisa foram significativos, impulsionando o desenvolvimento desta atividade.

Além das entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, será apresentado um poema escrito e moldado pela autora Ângela Moreira. O poema foi escrito e apresentado em um evento realizado pelo pesquisador, no qual os participantes escreveram poesias tendo o pajubá como protagonista. A escolha desse poema para compor este artigo ocorreu por abordar especificamente o que é tratado ao longo da escrita apresentada.

Escalada do pajubá e a superação de barreiras

Cansei de ser Alice
Agora vou abalar geral!
Deixar de dar moral pra alma sebosa,
E permitir que o bofe do milênio me encontre.
Um bofe escândalo mesmo,
Daqueles que mesmo biritado,
Não deixa rolar o climão,
Embora eu deteste pudim.
Chega de comer mosca,
De dar ouvidos a qualquer culé, cheia de culete.
Ebó mal despachado que só quer dar a elza, dar o truque e um fight no meu bofe.
Já vou avisando,
Quer dar um ninja?
Dou um voador, de leve
Ou posso descer o barraco,
Dependendo do climão.
Chega de ser meiga,
Vou alí na descolândia, descolar meu descolado.
Sem esquecer o porta-jóia, claro.
Vou de angélica, fui!

(Ângela Moreira, poema pessoal escrito na oficina de pajubá realizada
em Valparaíso de Goiás, em 14 de outubro de 2023)

Este poema apresenta um eu-lírico que se sentia delirante, mas optou por mudar sua postura. Ele costumava dar muita importância às opiniões alheias e viver de acordo com elas, mas, após perder tantas oportunidades, decidiu agir de forma diferente e escutar a si mesmo. Os termos pajubescos utilizados no poema agregam um charme ao texto, que, apesar de mostrar uma pessoa enfática, torna a leitura proveitosa e divertida.

Sob essa ótica, a característica fruitiva do pajubá é provavelmente um dos elementos que levou a variante a espaços com pouca ou nenhuma afinidade com o público trans-travesti. O pajubá foi criado como uma forma de segurança e alerta nas ruas, a fim de evitar violência policial e social. Portanto, a linguagem tem um caráter secreto que, ainda assim, ao longo do tempo, devido ao seu uso constante, acabou incorporada à fala cotidiana de diversos tipos de pessoas. Atualmente, é possível observar a inserção dessa linguagem em ambientes diferentes daqueles que originaram a variante, inclusive em locais predominantemente heterossexuais, embora seu uso abundante seja perceptível principalmente em locais simpáticos às pessoas LGBTQIAPN+. Camila destacou esse fato durante sua entrevista.

Minha amiga Ketlen, que mora na Cidade Ocidental, é cabeleireira e, assim como sua família, ela me aceita e abraça a comunidade LGBT. Na casa dela, se você estiver conversando usando esse dialeto, todos irão entender, pois a irmã e o irmão dela também estão familiarizados com ele. Eles não falam o dialeto conosco especificamente, mas se estivermos conversando, a Ketlen vai entender, pois ela convive com essa linguagem diariamente. Porém, esse dialeto é mais conhecido quando se tem uma convivência com pessoas LGBT. Se alguém tiver contato apenas com pessoas heterossexuais cisgênero, é provável que não esteja familiarizada com o pajubá. No entanto, se essa pessoa estiver envolvida com a comunidade LGBT, incluindo gays, lésbicas e transgêneros, ela certamente entenderá o dialeto (Camila Carvalho, entrevista pessoal concedida no dia 5 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás).

Em sua fala, Camila confirma a importância de conviver com pessoas trans para que o conhecimento pajubesco se expanda. Assim, em geral, essas pessoas são cis e heterossexuais, mas também são integrantes de outros grupos sociais oprimidos. Nesse contexto, a variante une os movimentos negro e LGBTQIAPN+, ao preservar termos de origem africana, especialmente dos terreiros, que foram os únicos espaços que acolheram parte das pessoas pertencentes a grupos sociais oprimidos, como as travestis.

De acordo com Kroskrity (2004, p. 499), a linguagem e as línguas que não seguem uma forma purista e diferem do considerado formal tendem a ser restringidas às regiões periféricas. Isso justifica a origem e sobrevivência do pajubá nos guetos e nas vielas brasileiras. Além disso, devido à sua origem iorubá, uma língua não oficial brasileira proveniente de países africanos, essa variante foi ainda mais discriminada, uma vez que se entende o Brasil como um país racista.

Essa explicação aborda o conceito de preconceito linguístico, conforme Bagno (2006, p. 56) menciona. Ele argumenta que, muitas vezes, as pessoas têm a tendência de acreditar que a língua portuguesa não pode adotar formatos divergentes dos que estão claramente definidos na gramática e nos dicionários.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente", e não é raro a gente ouvir que "isso não é português" (Bagno, 2006, p. 56).

Sob essa ótica, o pajubá é, muitas vezes, considerado um equívoco e, por isso, dificilmente seria utilizado em contextos formais, como universidades, escolas e discursos políticos. No entanto, sua natureza despreocupada é essencial para que ele se difunda em ambientes opostos à sua origem.

De acordo com Lima (2017, p. 66), o pajubá foi disseminado entre os membros da comunidade LGBTQIAPN+ desde o seu surgimento. Isso ocorreu principalmente nos guetos, lugares frequentados para encontros sexuais e pontos de prostituição. Foi nessas regiões que homens homossexuais, à procura de relações sexuais, tiveram contato com essa variante da linguagem, por meio do convívio com as travestis.

E é por esse motivo que os locais em que o pajubá mais aparece, e onde mais se renova, é exatamente nos guetos, nos lugares de aquendação, naqueles locais de resistência sexual e cultural, muitas das vezes a única forma de existência disponível, viável, para sujeitos que não podem vivenciar suas sexualidades e seus

gêneros no ambiente doméstico. Agora, os locais de aquendação serão lugares privilegiados e pródigos no que diz respeito à proliferação do pajubá. A irrupção do pajubá e seu uso corrente estão vinculados à vida no gueto, seja em boates, clubes, saunas, seja em lugares de "pegação" públicos, como parques e praças. É por meio do pajubá que as beeshas indicam seu interesse pelos bofes e é também por ele que "dão o coió" ou xoxam as concorrentes (Lima, 2017, p. 67).

Essa relação entre a variante e o público cisgênero homossexual marcou o início de toda a expansão pajubesca e o fim de sua natureza secreta. Ao compartilhar a linguagem com pessoas cisgênero homossexuais, elas se reconheceram na variante e, juntamente com as travestis da época, tornaram-na sua identidade. A inclusão desses termos na vivência LGBTQIAPN+ foi crucial para que até mesmo pessoas cis-heterossexuais passassem a incorporar a variante em seus vocabulários. Aliás, durante a entrevista, Camila enfatizou que algumas de suas amigas cisgênero conheceram palavras em pajubá e agora preferem ser referidas por esses termos, pois acham sua sonoridade elegante.

Uma conhecida minha, que se identifica como cisgênero, expressou sua opinião, achando interessante que chamemos as mulheres de "amapô". Ela disse: "Amapô é uma maneira bonita de se referir às mulheres, concorda?". Eu disse: "Sim, concordo plenamente". Então ela acrescentou: "Na verdade, acho ainda melhor e mais bonito ser chamada de amapô. O nome soa até mais elegante". Eu respondi: "Com certeza" (Camila Carvalho, entrevista pessoal concedida no dia 5 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

Nesse contexto, em razão do círculo social de Camila e sua aproximação com indivíduos cisgênero, o pajubá obteve maior reconhecimento e deixou de se limitar aos círculos exclusivamente trans, infiltrando-se em espaços que até então não havia alcançado. Isso proporcionou à amiga de Camila a compreensão de um sinônimo para a palavra mulher, que lhe traz um sentido e sonoridade mais agradável.

Durante um longo período, o uso do pajubá pelos membros da comunidade LGBTQIAPN+ foi limitado aos espaços de encontros, conforme descrito por Lima

(2017, p. 67). No entanto, essa restrição foi rompida quando esse público começou a frequentar diferentes locais para expressar "suas sexualidades" (Lima, 2017, p. 67).

Além disso, muitas pessoas que usam essa variante não conhecem seu nome, mas é difícil encontrar alguém que, mesmo sem saber, não utilize essa linguagem no dia a dia. Da mesma forma, é natural que pessoas que não convivem frequentemente com travestis, transexuais, LGBTQIAPN+ ou que não estão familiarizadas com ruas, boates, saunas e outros espaços de encontro não tenham um vasto conhecimento do pajubá; no entanto, é certo que, em momentos específicos, já tenham utilizado essa variante.

De acordo com o professor Kaleb, sua experiência em relação ao pajubá era limitada antes de mergulhar no convívio com pessoas trans. Ele reconhece que já utilizava algumas expressões presentes no pajubá, mas desconhecia sua origem e tinha um conhecimento restrito das palavras. Foi somente a partir da construção de amizades com membros da comunidade trans que seu conhecimento se ampliou de forma significativa.

Conheço bem o Pajubá, já usava algumas expressões do meio LGBT sem saber que se tratava de Pajubá, entende? Até que conheci uma amiga minha, talvez você também a conheça, a Amara Moira. Ela escreveu um livro, acho que é isso, não sou especialista na área, não sei ao certo, mas acredito que não seja um romance, não sei explicar, acho que é mais uma espécie de crônica, completamente escrita em Pajubá. O título do livro é *Neca*. Aprendi com ela, aos poucos, a usar essa linguagem com palavras mais elaboradas, sabe? Porque há muitas expressões que você acha que entende, mas na verdade não (Kaleb Salgado, entrevista pessoal concedida no dia 13 de julho de 2023 em Brasília, Distrito Federal).

Assim, é evidente que a utilização do pajubá, conforme exposto pelo professor Kaleb, em alguns momentos, ocorre sem o entendimento do seu real significado, devido à interação com outras pessoas LGBTQIAPN+, bem como à exposição diária na mídia, que frequentemente apresenta, nas redes sociais, nas plataformas e na televisão,

indivíduos e personagens que utilizam termos específicos dessa comunidade, os quais gradualmente foram incorporados pela sociedade que consome esse tipo de conteúdo.

Desse modo, com a difusão do pajubá, a mídia passou a adotar a linguagem em certas situações com o objetivo de trazer diversão e conhecimento. Com o surgimento de canais no YouTube, influenciadores e comediantes começaram a produzir vídeos e ensinar a variante. Alguns desses vídeos alcançaram uma audiência enorme e contribuíram para sua popularização. Em uma de suas declarações, Emily destaca especificamente que a popularização do pajubá ocorre em razão da facilidade de acesso à internet hoje em dia e da quantidade de conteúdo sobre a variante disponível na rede.

Atualmente está mais popularizada. Isso se deve ao fato de que hoje em dia, se você quiser aprender algo, você pode simplesmente acessar a internet. Antes da internet, muitas coisas ficavam desconhecidas, não eram descobertas, não é mesmo? No passado, a linguagem do pajubá funcionava como uma forma de autodefesa. Era utilizada como uma maneira de escapar de situações perigosas. Hoje em dia, ela se tornou uma forma de comunicação social comum. As pessoas aprendem simplesmente recorrendo à internet (Emily Martinelly, entrevista pessoal concedida no dia 15 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

Nessa perspectiva, para Emily, a variante já não é mais apenas uma linguagem que protege as travestis de situações perigosas, mas, sim, um recurso de comunicação de conhecimento público. Para ela, o acesso à internet fez da variante uma importante ferramenta de interação social.

O acesso das pessoas ao pajubá na internet tornou-se popular graças aos vídeos disponibilizados nas redes. Destacam-se, especialmente, os vídeos no YouTube, que apresentam um formato humorístico ou histórico. Na plataforma, é interessante destacar o popular *Glossário das Bichas*, que teve duas edições diferentes: a primeira lição e a segunda lição. A produção contou até mesmo com a participação do ator Silvério Pereira e foi gravada em Fortaleza, capital do Ceará, entre os dias 24 e 25 de outubro de 2008 e entre os dias 6 e 7 de novembro

de 2010, como parte do projeto Glossário, cujo objetivo era difundir o pajubá e a identidade da comunidade LGBTQIAPN+.

Além disso, destaca-se o vídeo, presente no YouTube, que fez parte de um programa humorístico da rede de televisão MTV. Ele conta com a participação dos talentosos humoristas Marcelo Adnet, Dani Calabresa e Tatá Werneck. O vídeo é repleto de termos da linguagem pajubesca e, atualmente, já acumula cerca de um milhão e quatrocentos mil visualizações.

Além desses vídeos, é possível encontrar muitos outros na plataforma. Um desses vídeos que obteve grande alcance é o da influenciadora e *drag* Lorelay Fox. O vídeo tem sido essencial para a disseminação da variante linguística, pois explora o pajubá. Ele já alcançou aproximadamente cem mil pessoas até o momento e aborda desde o contexto histórico do surgimento da linguagem até algumas palavras em pajubá.

Além disso, em conjunto com a linguagem utilizada na mídia, especialmente nas redes mais progressistas, os autores de novelas adotaram o pajubá, que anteriormente era usada exclusivamente em contextos LGBTQIAPN+. As telenovelas contaram com personagens que frequentemente utilizavam termos pajubescos. Esse foi o ponto alto da variante na mídia, pois foi por meio desses personagens e de sua linguagem que o pajubá se tornou mais conhecido e amplamente utilizado. Esses personagens alcançaram ambientes predominantemente heterossexuais, que nunca tinham sido alcançados por indivíduos da comunidade LGBTQIAPN+. Essa inclusão na teledramaturgia levou essas palavras ao conhecimento social. No entanto, há momentos em que a utilização do pajubá nas novelas ocorre de forma jocosa, com o intuito de ridicularizar. Apesar disso, a disseminação dessa linguagem teve um papel importante ao fazer com que a sociedade reconhecesse essas variações linguísticas. A divulgação do pajubá teve um impacto significativo e o levou até mesmo a ambientes nos quais as pessoas LGBTQIAPN+ não são predominantes. Durante a entrevista, Danielle também observou que o acesso à linguagem por parte do público cisgênero foi tão gradual que, quando

percebeu, muitas pessoas que ela nem imaginava que a conhecessem já estavam familiarizadas com ela.

No entanto, nos dias atuais, a grande maioria já está ciente. Por vezes, um cliente chega aqui e já utiliza a terminologia, já sabe do assunto. Falam: "hoje eu fiz a chuca". Fico surpresa por saber que eles entendem que "chuca" quer dizer fazer a higienização íntima. Fico perplexa, sabe? Quem foi que ensinou que "chuca" significa isso? Mas já sabe, já conhecem a terminologia. Está espalhado. Hoje em dia, não podemos usar o pajubá, pois a grande maioria já está ciente. É verdade. Então eu fico chocada (Danielle Caldas, entrevista pessoal concedida no dia 5 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

Conforme explicação dada por Danielle, essa disseminação da variante ocorreu em diversos contextos, especialmente através da televisão. As telenovelas, como citado anteriormente, desempenharam um papel fundamental na difusão do pajubá. Dois dos exemplos mais notáveis foram nas novelas transmitidas pela Rede Globo, uma escrita por Walcir Carrasco, intitulada *Amor à Vida*, e outra escrita por Agnaldo Silva, chamada *Fina Estampa*. Nessas produções, os personagens eram homens cisgêneros e homossexuais, que frequentemente utilizavam essa variante linguística.

Assim, Félix Khoury, um dos personagens *gays* mais populares na televisão brasileira, da novela *Amor à Vida*, desempenhou um papel importante na disseminação do pajubá em ambientes anteriormente inacessíveis. Théo Pereira, um personagem *gay* bastante caricato da novela *Fina Estampa*, também teve uma influência semelhante. Foi por meio desses personagens que palavras como "bofe", "purpurina" e "bicha pão com ovo", todas pertencentes ao vocabulário do pajubá, passaram a ser conhecidas pelo público que acompanhava a novela (Risk, 2018, p. 158).

De acordo com Lima (2017, p. 61), a mídia criou o personagem Félix com o objetivo de entreter; dessa maneira, apesar de suas falas terem chegado aos lares, daqueles que acompanharam a novela, não conseguiram transmitir o verdadeiro significado da linguagem para o público heterossexual que assistiu à novela. Esse é

um fenômeno semelhante ao de outros personagens de telenovelas que usaram a mesma variante linguística. Durante a entrevista, Erika destacou a presença desses personagens que utilizam o pajubá. Ela mencionou que tem percebido o uso de termos pajubescos por algumas pessoas nas emissoras de TV.

É notório que até na televisão, as pessoas falam abertamente "ocó", "neca". Na verdade, na televisão está bastante evidente. Acredito que as pessoas já entendem melhor quando falamos sobre isso. Às vezes, fico um pouco constrangida ao falar próximo a alguém, pois algumas pessoas já têm conhecimento e comentam de imediato, entendendo o contexto. E acho que todos estão se atualizando. Até mesmo os malandros que vejo na rua falam abertamente enquanto passam: "aquenda, vai fazer a chuca". E isso sem rodeios. Antes era mais restrito, mas agora não, agora está por toda parte (Erika Ruffeil, entrevista pessoal concedida no dia 12 de julho de 2023 em Valparaíso de Goiás, Goiás).

Para Lima (2017, p. 63), o pajubá atualmente tem o intuito de incomodar, causar rubor e inquietar apoiadores do cis-heteropatriarcado, "causando incômodo na heterossexualidade".

As expressões da personagem Félix, nada mais que comicidade e produtos da indústria cultural cujo dono é certa hegemonia heterossexual, não são o nosso pajubá, o nosso eh, bunita! gostoso que ousa, atrevido e pródigo na fexação, interpelar a normatividade heterossexual. Os bordões de Félix, por mais engraçados que sejam, veja-se o famoso "Eu salguei a Santa Ceia!", beiram à artificialidade – em um sentido negativo, já que, lato sensu, toda a linguagem é artificial e, portanto, arbitrária –, ao forçarem a barra colocando na boca da personagem uma frase como "Ela deu a Elza no celular", que é nossa expressão-máxima, em pajubá, pr'as guei larápias e truqueiras (Lima, 2017, p. 62).

Lima (2007, p. 62) reconhece que, a partir do uso dessas palavras, a personagem atinge uma grandeza notável. No entanto, ele argumenta que o interesse da mídia fez com que a personagem fosse incapaz de transmitir adequadamente o verdadeiro poder subversivo que, para ele, vai além do aspecto cômico e deveria,

na verdade, afligir e ruborizar a sociedade machista contemporânea.

O melhor do pajubá, e talvez muitas manas não tenham percebido, é que ele consegue ser poderoso na resistência aos discursos de normalização e normatização sem ser maçante, é algo do qual qualquer uma e um de nós pode, a qualquer tempo e lugar, usar e abusar, provocando risinhos aflitos nos censores da normatividade sexual (Lima, 2017, p. 63).

Para além dessa introdução da variação na internet e na televisão, a linguagem também se espalhou para o mundo da música, o que tem resultado em um reconhecimento amplo do pajubá. Nesse sentido, é possível observar uma grande quantidade de talentos LGBTQIAPN+ na música, como Pablo Vittar, Linn da Quebrada, Liniker, Johnny Hooker e outros. Esses artistas têm desempenhado um papel fundamental na disseminação da variante. Um exemplo do uso do pajubá na música pode ser encontrado na canção *Tímida*, de Pablo Vittar, na qual são utilizadas palavras pajubescas para transmitir uma mensagem de autoafirmação e empoderamento (Ela dá close de peito, close de bunda/ Close de rosto, close de unha/ Ela dá close escalando,/ mas tá envergonhada/ O bofe te olhou). Nesse trecho da canção, pode-se reconhecer a palavra "close" e "bofe", expressões amplamente utilizadas na variante em questão.

Entre canções e artistas que disseminam o pajubá, uma ênfase é dada à cantora Linn da Quebrada, devido à sua criação e ao lançamento de um álbum que tem o pajubá como protagonista. O álbum leva o nome dessa variante e apresenta músicas com contextos e termos pajubescos impressionantes. Segundo Santos (2022, p. 16), o álbum da cantora é composto por quatorze músicas, e cada uma delas incorpora a variante como elemento predominante.

O pajubá é um grande elemento dentro do álbum que carrega o mesmo nome, pois Linn da Quebrada faz questão de usar palavras presentes no dialeto como materialidade de suas letras. É a língua que materializa o discurso, pelo que o pajubá representa todo o grupo e sua luta. Como exemplo de palavras nesse pajubá atual, mobilizado na fala das pessoas trans, seguem alguns versos que

contêm palavras do pajubá: – "Pois, de que me adianta a neca ser mati ou odara" (Tomara) - "Esses ocó só quer socar quando não tem ninguém mais vendo" (Pare querida) – "Olha pra cara da mona, que fala das manas" (Necomancia) – "É uó, (u) ócio do comício em ofício que polícia" (Bomba pra caralho) (Santos, 2022, p. 23, 24).

Santos (2022, p. 23) destaca, ainda, que o álbum de Linn tem como objetivo reconhecer e celebrar as identidades trans e travestis, ao colocar o pajubá no centro da obra, o que torna tangível o enfrentamento dessa população. Além disso, o álbum de Linn e outros artistas que utilizam o pajubá em suas letras provocam constrangimento e desconforto na sociedade conservadora. A apropriação desses termos pajubescos em suas músicas é fundamental, assim como sua manifestação em outras formas de mídia, para que a linguagem se torne acessível a toda a sociedade e permaneça relevante.

É importante ressaltar que essa variação vai além da fala, pois possui uma peculiaridade que só pode ser compreendida efetivamente ao utilizar expressões contundentes.

Comportar essa linguagem na escrita é insuficiente, porque o bajubá não é falado só através da boca, mas também pelos gestos, peles, poros, suor, cartografia dos corpos e desejos, e fala de celebração, resistência, margens, fronteiras, ocupação, subversão, em suas incessantes revoluções moleculares (Araujo, 2020, p. 169).

Tendo em vista o crescimento do pajubá e a incorporação de algumas de suas palavras no cotidiano de muitas pessoas, o Inep introduziu uma questão bastante debatida no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em 2018. Essa questão abordava o pajubá em seu contexto. A inclusão da variante na avaliação do Enem foi crucial para promover sua disseminação e proporcionar uma ampla visibilidade de suas características peculiares.

Embora tenha gerado uma grande polêmica devido ao preconceito social de algumas pessoas conservadoras, abordar esse tema no exame foi fundamental para fomentar o debate. Além disso, despertou o interesse da sociedade pela

variante e a elevou ao *status* de patrimônio linguístico, como mencionado por Silva e Silva Jr (2021, p. 257). Nessa perspectiva, a professora Edu destacou a importância de o Enem ter incluído uma pergunta sobre a variante, pois isso permitiu que as pessoas pudessem adquirir conhecimento a respeito dela.

E quando o Enem inclui uma questão sobre o pajubá, ele também traz uma crítica interessante. Isso nos faz refletir sobre o fato de que o pajubá é uma linguagem como qualquer outra. É maravilhoso ver outras pessoas debatendo e discutindo esse tema, pois pessoalmente acredito que seja algo revolucionário. Seria enriquecedor ter mais questões como essa no Enem, em vestibulares e em outros contextos similares (Edu Silva, entrevista pessoal concedida no dia 7 de junho de 2023 no Guará, Distrito Federal).

Na opinião da professora Edu, essa iniciativa ressaltou a importância significativa dessa variante linguística para a sociedade brasílica, já que ela desempenha um papel essencial na construção da identidade desse povo. Isso resulta na necessidade de protegê-la, pois preservar o pajubá é valorizar a cultura e a tradição que não devem ser perdidas, a fim de garantir que elas permaneçam acessíveis às gerações futuras.

Eu aprecio a minha identidade e tenho prazer em compartilhar meu conhecimento com meu esposo. Ele costuma expressar surpresa ao ouvir termos que não conhecia, mas eu valorizo o sentido de pertencimento que a minha linguagem traz. É gratificante ver pessoas cis, brancas e heterossexuais se apropriar dela e utilizar expressões como "aquendando" e "picumã". Eu particularmente gosto muito do termo "picumã" e considero intrigante também o uso de "alibã" (Edu Silva, entrevista pessoal concedida no dia 7 de junho de 2023 no Guará, Distrito Federal).

O conteúdo expresso no Enem 2018 teve um grande impacto tanto na imprensa como na sociedade da época. Isso resultou em críticas intensas por parte da população mais conservadora do país, que tentou dividir a sociedade e incitar uma grande massa social a menosprezar ações e conteúdos relacionados a pessoas trans e travestis.

De acordo com Oliveira (2021, p. 15), essa onda conservadora da época procurou desqualificar a linguagem utilizada, argumentando que esse tipo de questão não era indicativo de conhecimento válido. Ainda segundo a autora, esse movimento chegou a afirmar que o pajubá, identificado na questão como a linguagem secreta dos *gays* e travestis, não era relevante para a sociedade e constituía um conhecimento inútil.

Oliveira (2021, p. 15) ainda ressaltou que o movimento fez uma grande comoção em relação ao assunto abordado no exame e caracterizou a iniciativa do Inep de abordar o pajubá como uma valorização excessiva das ações LGBTQIAPN+, algo que, segundo eles, não teria relação com a história do Brasil nem com sua cultura.

Além disso, Oliveira (2021, p. 16) enfatizou que esses grupos conservadores não tinham argumentos sólidos para suas críticas, uma vez que a própria BNCC, um documento oficial e de abrangência nacional, estabelece a necessidade de discutir, em sala de aula, temas relacionados à prática social, à oralidade e às diversas formas de linguagem. Outrossim, o documento destaca a diversidade linguística do Brasil, realçando um país multilíngue, que possui muitas variações, as quais são desconhecidas por uma parcela significativa da população. Nesse sentido, abordar essas questões no ambiente escolar é essencial para a valorização cultural e social do país.

Ademais, apesar de a Base Nacional Comum Curricular ter destacado a importância de incluir na rotina escolar assuntos relacionados à oralidade e às diferentes linguagens, ainda não houve a inclusão do pajubá nos currículos escolares do Brasil, seja de maneira isolada ou interdisciplinar. Embora a linguagem tenha se popularizado, incluir o pajubá nas práticas docentes ainda é um tabu. Essa situação ocorre devido ao movimento conservador brasileiro que ganhou força desde 2018, o qual dificulta a abordagem de assuntos relacionados à população trans pelos professores. Apesar disso, a linguagem resiste e aparentemente faz parte da experiência oral de muitas pessoas, até nos pátios das escolas durante os intervalos,

locais mais informais e descontraídos, algo que os distingue das salas de aula no Brasil.

No que se refere à utilização do pajubá no ambiente escolar, a professora e o professor entrevistado afirmaram não ter ainda incorporado o uso dessa variedade linguística nos conteúdos abordados. Entretanto, devido à naturalidade com que essa variante é expressa e à convivência diária, tanto o professor quanto a professora acabam pronunciando palavras que pertencem a esse estilo de fala.

Adoro o Pajubá porque se aprende através da interação com outras pessoas. Existem alguns dicionários disponíveis na internet, no entanto, eles são bastante limitados no que diz respeito ao vocabulário usado no dia a dia, concorda? É uma tradição oral que tem origem no iorubá e é uma língua que se desenvolveu principalmente através da tradição oral, não é verdade? Na sala de aula é divertido, às vezes acabo soltando algumas expressões sem querer, pois fazem parte do meu cotidiano, tipo "arrasou", "mona", "babado", quando uma colega faz algo legal e pergunta, "gostou, professor?", respondo "nossa, babado, arrasou". E eles olham, sem entender o que é isso. Eles costumam dizer algo como: "Que é isso, professor?" Então eu tento explicar, mas é bastante desafiador. Por exemplo, aqueles que não estão familiarizados, às vezes, começam a dizer coisas do tipo: "isso é coisa de viado". Eu falo, "oh, que maravilha, não é incrível, galera? Vamos começar a empregar essa linguagem de forma positiva, já que nossa comunicação é tão rica e positiva". Aí eles ficam meio confusos. Então eu tento desconstruir e reconstruir dessa maneira (Kaleb Salgado, entrevista pessoal concedida no dia 13 de julho de 2023 em Brasília, Distrito Federal).

A professora Edu endossa as palavras do professor Kaleb e, de maneira similar, ela afirma que ainda não conseguiu estabelecer uma ligação entre suas aulas e a variante pajubá. Ela mencionou que irá ponderar mais sobre o assunto e investigar a viabilidade de integrar o pajubá no contexto da disciplina que ela leciona. No entanto, ambos enfatizam que essa aplicação precisa ser cuidadosamente planejada, de modo que os estudantes realmente percebam essa variante como uma cultura que merece valorização e preservação.

Não, infelizmente não utilizei o pajubá nas minhas aulas pois ainda não consegui estabelecer essa ligação. Nunca tinha pensado em fazê-la quando era estudante, professora de francês ou mesmo na escola. Agora, estou muito mais consciente disso devido à Libras, que encanta tanto crianças quanto adultos. Estabeleço um paralelo com a Libras, que é a língua brasileira de sinais, e acredito que posso começar a fazer essa conexão. Como a Libras é uma língua visual, ao fazer os sinais, os alunos compreendem melhor a língua francesa, pois conseguem fazer essa associação entre o sinal e o som. Vou tentar incorporar isso, pois é importante abordar esse assunto. Seu trabalho é necessário, pois ele traz um viés de interseccionalidade, no qual é necessário considerar tudo em conjunto. Não conseguimos falar sobre travestis, mulheres trans, especialmente travestis, sem mencionar o iorubá e o pajubá (Edu Silva, entrevista pessoal concedida no dia 07 de junho de 2023 no Guará, Distrito Federal).

O início da popularidade do pajubá ocorreu quando foi escrito o primeiro dicionário, que incluía alguns dos termos utilizados nessa variante linguística. O famoso *Diálogo das Bonecas* foi o pioneiro na difusão dessa língua peculiar. Além dele, outros dois dicionários de grande importância — *O Bichonário* e *Aurélia, a dicionária da língua afiada* — também foram criados e atualmente são referências indispensáveis para aqueles que desejam estudar e se interessam pela variante.

Jovanna Baby é a autora de *O Diálogo das Bonecas*, livro publicado em 1992 pelo grupo Astral, uma das primeiras organizações sociais dedicadas ao apoio de travestis. De acordo com Araujo (2018, p. 53), o dicionário foi concebido para ser distribuído durante o Encontro Nacional de Travestis e Transexuais Engajadas na Luta e Prevenção do HIV/AIDS (ENTLAIDS), que ocorreu no Rio de Janeiro no mesmo ano do lançamento da obra. De acordo com Araujo (2018), é importante ressaltar que Jovanna Baby enfatiza o propósito do dicionário ao buscar promover o conhecimento dessa variante linguística entre as travestis. Isso tem o poder de empoderá-las.

O "Diálogo de Bonecas" é o primeiro Dicionário impresso do Bajubá das Travestis no Brasil. No final do ano de 1992 em uma das reuniões da ASTRAL, na sede do Instituto ISER, as travestis decidiram lançar um dicionário com o bajubá diário a fim de ajudar as meninas que viviam da prostituição noturna a se defender dos ataques, seja da sociedade ou da polícia à época. Me lembro que a principal fala era que uma podia avisar a outra em situação de emergência sem serem entendidas por curiosos. Muitas palavras usadas foram levantadas e otimizadas em um texto que foi diagramado e impresso em forma de dicionário (Silva, 2021, p. 35).

Atualmente, o dicionário foi lançado com o nome *Bajubá Odara*, o qual, além de conter o próprio dicionário em suas páginas, também apresenta memórias e eventos históricos do movimento travesti no Brasil. A obra completa foi escrita por Jovanna Baby e publicada pela editora Fonatrans.

Outro dicionário de grande importância, com entradas relacionadas à comunidade pajubá, é o *Bichonário*: um dicionário voltado para o público *gay*. Atualmente, não é fácil encontrar essa obra, nem mesmo na internet, mas ela desempenhou um papel relevante na disseminação da linguagem. De acordo com Araujo (2018, p. 56), o *Bichonário* foi resultado de uma monografia elaborada por um estudante de Comunicação Social da Universidade Federal da Bahia, Orocil Santos Júnior, que realizou suas pesquisas em boates e guetos LGBTQIAPN+ da época, e o dicionário foi escrito em 1996.

Essa pesquisa expandiu-se e trouxe uma quantidade maior de entradas, em contraste com o *Diálogo das Bonecas*, que possuía menos palavras, pois as palavras escritas por Jovanna estavam restritas exclusivamente ao contexto travesti e traziam a origem mais autêntica do pajubá, que, devido à sua natureza inovadora, acabou adotado nos ambientes *gays* nos anos 90 do século XX.

São 636 palavras com seus respectivos significados. As seções são precedidas de ilustrações. Após o prefácio, há uma estória baseada na mitologia: a estória de Jacinto, um jovem mortal por quem Apolo, deus do sol, e Zéfiro, um dos quatro ventos do oeste, se apaixonaram, mas que termina em tragédia, quando Zéfiro enciumado

enquanto Jacinto e Apolo jogavam discos, mata seu amor. Assim, as lágrimas de Apolo fizeram com que do sangue de Jacinto nascesse uma flor (Araujo, 2018, p. 56).

A obra de Orocil Santos Júnior, que fora o segundo dicionário do pajubá a ser publicado, ultrapassou as barreiras trans-travestis e chegou à esfera do ensino superior. Resultado de uma pesquisa realizada nos anos 1990, o *Bichonário* foi construído a partir do contato direto do autor com pessoas gays, trans e travestis em ambientes sociais e noturnos de Salvador. Com o tempo, a obra passou a ser incorporada como objeto de estudo em pesquisas acadêmicas sobre linguagem, identidade e diversidade sexual, sendo especialmente explorada em cursos de Letras, Linguística e Educação, por sua relevância na análise das relações entre linguagem, cultura, resistência e pertencimento LGBTQIAPN+. Isso, possibilitou que a linguagem fosse difundida em contextos acadêmicos. Além disso, o dicionário proporcionou uma oportunidade para que pessoas LGBTQIAPN+ que não estão envolvidas na prostituição ou que não frequentam boates e locais exclusivos pudessem ter acesso e se apropriar dessa linguagem, que é um elemento essencial da identidade dessa comunidade. Assim, o *Bichonário*, de Orocil Santos Júnior, tornou-se um dos primeiros recursos para pessoas LGBTQIAPN+ academicamente, especialmente aquelas que não eram frequentadoras ativas da vida noturna.

No entanto, somente em 2006, após a publicação de *Bichonário,* surgiu o dicionário pajubesco mais abrangente e de maior circulação do país, *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, publicado pela Editora Bispo, foi elaborado por Angelo Vip e Fred Lipi no ano de 2006. De acordo com Araujo (2018, p. 63), o autor do livro, Vitor Ângelo, um jornalista brasileiro falecido em 2015, utiliza o pseudônimo Ângelo Vip, enquanto Fred Lipi não possui uma identidade reconhecida.

Inicialmente, a obra alerta os leitores sobre a presença de palavras consideradas vulgares por muitos, que podem gerar confusão e desconforto. Por esse motivo, os autores aconselham àqueles que possam se sentirem ofendidos a não continuarem com a leitura.

Este dicionário não tem a pretensão de ser politicamente correto. Muitos termos são chulos e pejorativos, podendo ser ofensivos para determinadas pessoas ou grupos. Nesse caso, recomendamos a interrupção imediata da leitura. Nossa intenção é a de levantar o maior número possível de termos ligados de alguma forma à cultura gay e lésbica e reuni-los num volume que retrate seus usos mais comuns na prática da NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA! (Vip; Lipi, 2016, p. 5).

De acordo com Araújo (2018, p. 64), *Aurélia* é o resultado de uma pesquisa de dez anos e contém uma quantidade considerável de verbetes que, além de abrangerem palavras de base brasileiras, também especificam o estado de origem da palavra. Além disso, o dicionário inclui palavras de outros países que compartilham a língua portuguesa. Como resultado, o dicionário possui aproximadamente 1.300 verbetes e alcançou um número significativo de edições.

É indiscutível a relevância dos dicionários, da internet e dos meios de comunicação na divulgação do pajubá e essa compreensão essencial para aqueles interessados em mergulhar mais profundamente nessa linguagem e familiarizar-se com seus termos. No entanto, nada é tão eficaz na consolidação do conhecimento como a prática diária e o contato com a comunidade LGBTQIAPN+, em particular com as travestis e mulheres trans. Assim, para manter uma identidade, é necessário apropriar-se daquilo que representa e o pajubá é uma das formas mais relevantes de amplificar a voz trans-travesti, além de honrar nossas ancestrais e suas lutas sociais contra o patriarcado e a homotransfobia.

Nesse sentido, o *Diálogo das Bonecas* foi a primeira obra a difundir o pajubá para além das ruas. Desde então, essa variante ocupa os lugares mais improváveis e, por isso, continua viva, não apenas nos locais restritos, mas também nos supermercados, casas de *shows*, escolas, redes de televisão e diversos outros espaços antes inacessíveis. O pajubá é cultura, resistência e, acima de tudo, vida. É dever da comunidade LGBTQIAPN+ e de seus aliados contribuir com a preservação dessa linguagem, seja nas redes sociais e na internet, no Museu Virtual Bajubá ou por meio da música e da vida cotidiana. Que ela permaneça viva, se reinvente e

continue a causar incômodo por muito tempo.

Em vista disso, a partir das entrevistas e da análise dos dicionários, foi possível observar que o pajubá, para além de seu caráter secreto e codificado, permanece como uma linguagem profundamente viva, pulsante e em constante reinvenção. Trata-se de um léxico que expressa resistência, afirma identidade e marca a presença viva da população LGBTQIAPN+ nos espaços que ocupa. Longe de estar em declínio, como por vezes se supôs, o pajubá continua a se expandir: novos termos surgem cotidianamente, muitos ainda não registrados pelos dicionários, mantendo sua natureza dinâmica e de uso estratégico. Observa-se também o papel do deboche como ferramenta de enfrentamento e subversão diante da homotransfobia, reafirmando que o pajubá não é apenas um código de proteção, mas também um gesto político, criativo e irreverente de existir no mundo. Mais do que um vocabulário, ele é expressão de uma cultura viva, que resiste mesmo quando faltam palavras para nomear toda a complexidade de suas experiências.

Considerações finais

O artigo apresentou um pouco da perspectiva pajubesca na sociedade atual por meio do olhar da população trans-travesti, a partir da visão docente e discente. Essa perspectiva procurou inserir o contexto educacional na temática, com o intuito de apresentar a visão escolar com base em um elemento linguístico marginalizado socialmente. Apresentar o pajubá a partir do olhar de pessoas que estão inseridas no espaço escolar foi fundamental para evidenciar o caráter plural que essa variante implementa à sociedade. Além disso, é fundamental mostrar ao corpo social que todos os vocábulos e as falas adotadas pelos falantes da língua portuguesa no Brasil devem fazer parte da cultura que formou e construiu o Brasil.

Essa constatação foi possível graças à integração dos três métodos utilizados nesta pesquisa: os estudos teóricos, as entrevistas e a análise documental, os quais permitiram reconhecer o pajubá como uma linguagem viva, dinâmica e significativa.

A base conceitual proporcionada pelos estudos teóricos, unida às vozes reais coletadas nas entrevistas e ao contraste entre os registros oficiais e a vitalidade da linguagem oral nos dicionários evidenciaram a necessidade de métodos que valorizem sua oralidade, fluidez e dimensão coletiva. Essa abordagem reforça a importância de valorizar uma linguagem que escapa aos formatos tradicionais de documentação, mas que carrega saberes, afetos e estratégias de resistência, refletindo a complexidade e a potência política do pajubá.

O contexto em que cada uma delas foi construída demonstra que a educação permeia todos os espaços e é a partir dela que uma cultura é, de fato, reconhecida como parte específica da construção da história de um país. Ademais, é fundamental entender que, diante do contexto patriarcal da população brasileira, que, desde sua colonização, vem se baseando exclusivamente no ideário cristão-heteronormativo, vivemos em um mundo preconceituoso e capaz de expurgar tudo o que não condiz com essa premissa, a qual reverbera o caráter cruel e segregacionista do ser humano, que não tem capacidade de incorporar ao seu contexto cultural fatos que não compactuam com o eurocentrismo colonizador.

Essa ação comprova o quanto o corpo social vem se perdendo diante de seus preconceitos. Nessa especificidade social, o povo brasileiro acaba perdendo, não só por não valorizar o pajubá, mas também por não implementar e apreciar outros contextos advindos da população negra e LGBTQIAPN+.

Outrossim, afastar-se do colonialismo, adotando um contexto decolonial e vivendo o todo, é a única forma capaz de tornar a cultura significativamente plural e diversa. É nessa perspectiva que podemos nos tornar capazes de formar um povo mais acolhedor e verdadeiro. Essas adoções, por meio da disponibilização de pesquisas e modelos prontos de informativos, poderão ser capazes de transformar e, dessa maneira, implementar o pajubá e toda cultura advinda de populações oprimidas socialmente, lançando-a ao mundo e mostrando, dessa forma, que é o todo que compõe a humanidade.

Referências

ANDRADE, Karylleila dos Santos; GONÇALVES, Sheila de Carvalho P.; PORTO, Filipe; ANDRADE, Luciana C. e Silva. *Bajubá*: Linguagem de Gupo LGBTT como representação sócio-histórica e cultural. Palmas, TO: 2018. Disponível em: https://betas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/5744/14970. Acesso em: 14 set. 2022.

ARAUJO, Gabriela Costa. 2018. *(Re) encontrando o Diálogo de Bonecas*: o bajubá em uma perspectiva antropológica. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/21850/3/%28Re%29encontrandoDi%c3%a1logoBonecas.pdf. Acesso em: 8 jan. 2024.

ARAUJO, Gabriela Costa. *Bajubá*: Memórias e Diálogos das Travestis. . Jundiaí, SP: Paco, 2020.

BAGNO, Marcos. *A Língua de Eulália*: Novela Sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BARROSO, Renato Régis. *Pajubá:* o código linguístico da comunidade LGBT. Manaus: UEA, 2017. Disponível em: http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1945. Acesso em: 21 abril 2024.

FOX, Lorelay. *O que é Pajubá?* 26 de maio de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QJiHj5-ZhLo. Acesso em: 7 jan. 2024.

KROSKRITY, Paul V. Language Ideologics. *In:* DURANTI, Alessandro. *A Companion to Linguistic Anthropology*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2004.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. *Linguagens Pajubeyras*: Re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade. Editora Devires. Edição do Kindle, 2017.

OLIVEIRA, Bethânia Gomes Dias. *ENEM 2018*: censura ao Pajubá e epistemologias em conflito. Brasília – DF. Universidade Federal de Brasília, 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/30339/1/2021_BethaniaGomesDiasOliveira_tcc.pdf. Acesso em: 8 jan. 2024.

MEDEIROS, Paul. *Aula de bichês - Comédia MTV*. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IrnAC0z6CnA. Acesso em: 24 jul. 2025.

RISK, Eduardo Name. *Formações discursivas sobre homossexualidade em telenovelas brasileiras.* Ribeirão Preto, SP. 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-16122019-153852/publico/Tese.pdf. Acesso em: 19 set. 2022.

SANTOS, Hiago Bezerra dos. *Língua, travestilidade e negritude*: uma análise discursiva do álbum Pajubá de Linn da Quebrada. 2022. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/18602/2/Hiago_Bezerra_Santos.pdf. Acesso em: 8 jan. 2024.

SILVA, Jovanna Baby Cardoso da. *Bajubá Odará*: resumo histórico do nascimento do movimento de travestis do Brasil. Picos, PI: Fonatrans, 2021.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. *Aurélia, a dicionária da língua afiada*. 24. ed. São Paulo, SP: Editora Bispo, 2006.

VITTAR, Pablo e Thalia. *Tímida*. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment: 2020. 1 música, Spotify. Duração 2:37.